

Certa vez, num passado não tão distante, quando o golpe militar de 64 instalou o regime ditatorial no Brasil, um coronel do Exército se apresentou ao professor José Moura Gonçalves, à época diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, com o propósito de investigar atividades “subversivas” e instaurar, dentro daquela faculdade, uma Comissão de Inquérito. Nem bem havia terminado a formulação da frase, o coronel ouviu a negativa: “se a Comissão insistir em se instalar no campus, decreto recesso por tempo indeterminado”.

Por aquela mesma época, Moura teve um outro enfrentamento. Desta feita com alguns colegas que pretendiam redigir um manifesto de apoio ao golpe militar. Ao tomar conhecimento do propósito de alguns professores, Moura foi até o local da reunião e impediu o ato de adesão. Recolheu o abaixo-assinado sob a argumentação de que, uma manifestação de docentes da FMRP seria de responsabilidade da Congregação da Faculdade. Com o falecimento do professor José Moura, em outubro de 96, parte do passado de resistência da USP também desapareceu. Assim como tantos outros, ele não se vergou às disputas internas e nem aos militares.

No início deste ano, a Universidade perdeu também Ligia Marcondes Machado, uma docente com apurado senso de justiça e solidariedade. Dois eram os seus amores: os alunos e a pesquisa. Foi essencialmente dela a luta, ainda não vencida, contra a contratação precária de professores na USP. Para ela, era preciso sempre resistir, debater, questionar, entender. A exemplo de Moura Gonçalves, Ligia não se curvava; investia contra a burocracia universitária e queria, sempre, saber os porquês. No final de 92, suas críticas desnudaram o processo de avaliação de docentes em curso na USP, revelando as incoerência internas e seus efeitos nefastos para a Universidade.

*Os professores Moura Gonçalves e Ligia Marcondes Machado, pelas contribuições que deram não só à universidade, mas ao país e à defesa da cidadania, merecem ser lembrados e re-lembrados. Nas próximas páginas, **Zilda Iokoi**, professora do Departamento de História, e **Francisco G. Nóbrega**, do Instituto de Biociências, contam um pouco da história de cada um deles.*

LIGIA MARCONDES MACHADO, UM ATÉ BREVE...

Zilda Iloki

Ela chegou com seu sotaque mineiro, e com todas as sutilezas da mineiridade. Fala mansa, olho atento e sempre brilhante e com o minha flô como uma saudação afetiva e sempre alegre. Foram anos de convívio onde ela preferiu dedicar-se as causas sindicais e políticas em lugar das administrativas departamentais. Dois eram seus amores, os alunos e a pesquisa. Nenhuma reunião do Fórum das Seis, ou mesmo da Diretoria competia com esses níveis de preocupação e de prazer intelectual desta mulher radical.

Seu sentido de justiça, de solidariedade e de preocupação com as violentas alterações que já se processavam sobre o nosso fazer universitário estão bem apontados no artigo Café na Cama, publicado no Jornal da Adusp, edição novembro/dezembro, de 1992.

As críticas ali registradas têm hoje mais sentido. Os perigos da burocracia enquanto fim em si mesma, a quebra do prazer e da inventividade que o conhecimento permitem, o congelamento das formas em conteúdos que não passam de formas vazias, a repetição seqüencial, estão cada vez mais visíveis na vida universitária. Para ela, homogeneizavam-se nas estruturas internas de poder concepções sobre singularidades finas das várias áreas do conhecimento e impunha-se uma formatação rígida para o específico.

Uma lição sempre recomendada

por ela estava impressa no não sucumbir. Resistir, debater, criticar, questionar entender os porquês, contrapor idéias. Estar com ela era exercitar dialeticamente a imaginação imaginada, ou seja, pensar com movimento, viver a centralidade móvel necessária ao pensamento crítico. Foi com ela que o questionamento dos nossos veículos de comunicação resultou em propostas como a da Revista Adusp. Ela lutou para ultimar essas alterações discutindo um tema caro ao pensamento filosófico ou seja, o esgotamento das formas. Alegre e animada, promoveu várias festas de confraternização e defendia sempre a idéias de nos juntarmos pelo prazer da conversa, pela riqueza do encontro e pela alegria do reconhecimento das diferenças. Conversávamos muito sobre a história. Ela, destacando pontos cruciais deste vivido próximo e longínquo, procurando nexos e explicações mais substantivas para o presente. Lembro-me muito bem do dia que, brincando, eu lhe disse que os fatos não existem. Foi tão sério o debate que percebi como ela dava importân-

cia à palavra e como ouvia com cuidado todos os assuntos. Passamos dias debatendo como as interpretações sobre os acontecimentos dão conteúdo e longevidade às ações humanas. Com ela me aproximei de colegas da Psicologia que enriqueceram minha experiência profissional e através dela ganhamos sua contribuição mais preciosa, seu filho, que hoje está entre os alunos da história.

Falar da Ligia é relembrar os últimos cinco anos de dilemas tanto nas lutas sindicais, como nos impasses acadêmicos. Tudo piorou muito, mais concentração de decisões e de



poder, menos democracia, menor poder de combate, mais desafios pela frente. Hoje vive-se diante de um novo desafio. Não mais se publique ou desapareça, mais consiga dinheiro ou desapareça! Hoje não se escamoteia mais a burla do RDIDP, mas elogia-se o pagamento de overhead para que um professor se dedique à pesquisa. Recomenda-se a publicação no exterior mesmo que mediante pagamento de algums dólares...

Uma pergunta da Lígia ainda merece ser respondida: Será que Harvard exige de seus docentes publicação no exterior? Será que o Brasil pode oferecer espaço em sua Science and Culture para os do MIT?

Pois é minha amiga, minha pergunta vai em outra direção: Será que os nossos melhores referidos no exterior conhecem este país? Essa mentalidade colonizada já foi cantada em verso e prosa e dela melhor falaram personalidades como Mario e Osvald de Andrade, Calado e Sérgio Buarque, Candido e Florestan. Esses pilares do pensamento crítico não precisaram de justificar seus trabalhos lá fora. Eles foram reconhecidos exatamente porque responderam aos problemas de seu rincão. Inverte-se a chave mestra do criativo, do novo da descoberta. A poíeses e a minésis foram substituídas pela imitação acrítica, pela cópia barata e pela navegação na Internet. O significado das coisas é hoje as coisas do significado e neste jogo de retórica sobram os acordos entre amigos, o eu te cito, tu me citas e a formulação de relatórios cada vez mais confusos e complexos para não serem lidos nem entendidos. Multiplicam-se as comissões e as reuniões para não concluir nada. Assim, lembrando nosso papo sobre o querido Stanislaw Ponte Preta, o FEBEAPÁ aumentou e não tem Rosamundo ou Tia Zulmira que dêem conta do caos. Aí onde você está, não há de ter senão café na cama que é o que todos estamos precisando e merecendo. Tcháu flô...

JOSÉ MOURA GONÇALVES

Francisco G. da Nóbrega

O professor José Moura Gonçalves faleceu no dia 19 de outubro do ano passado, aos 82 anos de idade. Foi um dos mais destacados bioquímicos de sua geração, com grande influência na formação de muitos jovens cientistas. Formou-se em medicina em 1936 e iniciou sua carreira na Biofísica no Rio de Janeiro. No início dos anos 50 foi para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto onde dirigiu um grupo de pesquisa em bioquímica e fisicoquímica voltado particularmente para o estudo de proteínas. Dirigiu depois o setor de radiobiologia no Instituto de Energia Atômica da USP (atualmente IPEN). No exterior trabalhou em Madison, Wisconsin (Estados Unidos), na Suécia, com o famoso Svedberg e em Copenhagem, com o também ilustre Linderstron-Lang.

Sua trajetória científica certamente será resgatada por outro articulista. Nesta pequena nota pretendemos homenagear o homem de coragem, caráter e integridade, lembrando alguns episódios marcantes.

Moura Gonçalves era o Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto quando o golpe militar de 64 instalou o regime de exceção no país. Quando o coronel encarregado de investigar atividades "subversivas" se dirigiu ao diretor no sentido de instalar dentro da faculdade uma comissão de inquérito, ouviu do professor Moura uma negativa firme; se a comissão insistisse em se instalar no campus ele decretaria recesso por tempo indeterminado! Na mesma época um grupo de professores re-

solveu redigir um manifesto de apoio ao golpe militar. Moura, acompanhado do professor Pedreira, foi até o local da reunião (a casa de um dos colegas) e impediu o ato de adesão recolhendo o abaixo-assinado e esclarecendo que, uma manifestação de docentes da FMRP seria de responsabilidade da Congregação da Faculdade. Estas atitudes resultaram em efeito antídoto contra a pessoa da adesão e a tentação de que um clima de delação se estabelecesse dentro do campus. Infelizmente o campus de São Paulo, com as honrosas exceções de sempre, não teve homens deste porte em certos momentos críticos. A delação foi incentivada pela atitude de adesão explícita ou implícita de docentes no topo da hierarquia universitária e indivíduos da melhor qualidade humana e acadêmica foram perseguidos e expulsos. Para todos o motivo era uma alegada posição de "esquerda". Sob essa denominação havia um amplo espectro de personalidades, desde progressistas que adotavam o modelo americano do norte na condução da questão científica e educacional até colegas que militavam no Partido Comunista. O que todos tinham em comum era talento, capacidade profissional e enorme entusiasmo no sentido de atacar nosso subdesenvolvimento científico e social.

O professor Moura Gonçalves foi um dirigente universitário que possuía uma noção aprofundada do que é Universidade e dos direitos e deveres de um cidadão e não recuou de sua visão mesmo quando tantos se acovardaram ante a prepotência do regime instalado.